

NOÇÃO DE VALOR E/NA TRADUÇÃO: UM PROBLEMA DE LINGUÍSTICA GERAL?

THE NOTION OF VALUE AND/IN THE TRANSLATION: A PROBLEM IN GENERAL LINGUISTICS?

Charlies Uilian de Campos Silva⁴⁵

Verônica Franciele Seidel⁴⁶

RESUMO: Este artigo procura construir e realocar um quadro teórico estabelecido a partir do *Curso de Linguística Geral* (CLG). Para isso, discorremos sobre os conceitos de língua, sistema e valor presentes no CLG, procurando compreender como tais conceitos se relacionam e como o processo tradutório poderia se configurar a partir de uma visão saussuriana da língua. Nesse sentido, o valor linguístico torna-se um elemento imprescindível para entender tanto a língua-sistema como as línguas-idiomas, de modo que, em nossa perspectiva, a articulação entre línguas e a passagem de uma língua à outra seria possível não pela correspondência entre o signo tomado como uma composição de significante e significado, mas pela reconstrução das redes associativas que configuram os valores linguísticos na/da língua posta em discurso. A língua-idioma configura-se justamente por ser um sistema distinto das outras línguas-idiomas: a particularidade de cada língua inviabiliza uma conversão completa numa língua noutra, fazendo com que a forma pela qual os termos de uma língua se configuram e se encadeiam no interior da própria língua não encontre correspondência plena na tradução. Traduzir um texto requer, assim, uma recriação das relações entre os signos no interior e por meio da língua-sistema; traduzir requer a reconfiguração das articulações, das combinações e, mesmo, das ausências dos signos e de seus valores no sistema linguístico. Dessa forma, a tessitura das articulações possíveis na/da língua é o elemento central e fundante de uma concepção de tradução como um processo de reconstrução de valores no interior de determinada língua. Traduzir é, então, a tarefa de reinaugurar os valores de uma língua noutra, tarefa que implica mobilizar a língua inteira, pois o valor linguístico só existe na complexidade dinâmica do sistema.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Perspectiva Saussuriana. Valor linguístico.

ABSTRACT: This academic paper aims to build and reallocate a theoretical framework established from the Course in General Linguistics (CLG). For this, we discussed the concepts of language, system and value present in the CLG, trying to understand how these concepts are related and how the translation process could be configured from a Saussurean view of language. In this sense, the linguistic value becomes an essential element to understand both the language-system and language-idiom, so that, in our view, the relationship between languages and the passage from one language to another would be possible not by the correspondence between the sign considered as a composition of signifier and signified, but as the reconstruction of associative networks that create linguistic values in/of the language converted into discourse. The language-idiom is configured precisely because it is a distinct system compared to other languages-idioms: the particularity of each language obstructs a complete conversion of a language in another, which implies that the way in which the terms of a language are configured and linked into the language itself does not find full correspondence in translation. Translating a text therefore requires a re-creation of the relationships between the signs in and through the language-system; translating requires the reconfiguration of articulations, combinations and even the absence of signs and their values in the linguistic system. Thus, the construction of the possible articulations in/of language is the central and fundamental element of a conception of translation as a process of reconstruction of values in a given language. Translation is then the task of re-inaugurating values from one language to another, a task that involves mobilizing the whole language because the linguistic value exists only in the dynamic complexity of the system.

KEYWORDS: Translation. Saussurean Perspective. Linguistic Value.

⁴⁵ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. E-mail: uilian.campos@restinga.ifrs.edu.br

⁴⁶ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: veronicaseidel@gmail.com

1 Introdução

Este artigo procura esboçar e realocar um quadro teórico construído a partir da obra *Curso de Linguística Geral* (CLG), organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, atribuída a Ferdinand de Saussure e publicada em 1916 (três anos após a morte do próprio Saussure). Dessa forma, o escopo da reflexão que ora apresentamos foge a uma rígida delimitação autoral, visto que: a) a compreensão das noções de autoria – e mesmo da noção de obra, considerando-se que não há uma unicidade orgânica e programática – são discutíveis e variáveis para o CLG, sobretudo devido ao fato de que esta obra é organizada (por alunos que afirmaram não ter comparecido às aulas) a partir de notas de diferentes alunos que compareceram aos três cursos ministrados por Saussure; b) realizamos um recorte próprio, que não se configura nem se desenvolve no interior do Curso, possível apenas por meio de um exercício de realocação de conceitos e expansão de objetos teóricos; e c) começamos com/em Saussure, mas também convém ressaltar que realocações teóricas são um ato duplo que, por um lado, expandem e revigoram a teoria, mas, por outro, correm o risco inevitável de desconfigurar e mesmo distorcer conceitos, perspectivas e métodos, além de objetos de estudo e análise.

Para isso, discorreremos sobre os conceitos de língua, sistema e valor presentes no CLG, procurando compreender como tais conceitos se relacionam e de que natureza é essa relação. Partimos da hipótese de que língua, sistema e valor são conceitos que mutuamente se implicam e um pressupõe a existência do outro; dessa forma, seria absolutamente impossível compreendermos o que é língua no CLG, por exemplo, se não construirmos contemporaneamente uma reflexão sobre o sistema e o valor. Da mesma forma, o conceito de valor seria igualmente compreensível apenas na relação imbricada com a língua e o sistema – que, por sua vez, também requereria uma leitura em conjunto com as noções de língua e valor. A natureza, portanto, das relações entre essa tríade conceitual seria construída no nível dos fundamentos da língua, isto é, de princípios básicos e universais para a existência de tudo o que se pode chamar de língua e/ou advém da língua.

Interessa-nos, contudo, repensar tais noções na obra saussuriana; no CLG, a conceptualização em torno da língua refere-se majoritariamente à língua enquanto *langue*, isto é, a língua-sistema. Convém ressaltar que a língua-sistema não corresponde nem a *parole* (língua em uso pelo falante), nem à língua-idioma: enquanto a língua-sistema situa-se no plano fundamental da língua, a língua-idioma é uma realização empiricamente possível da língua. Discorrer sobre língua-sistema e discorrer sobre língua-idioma são atividades distintas com objetos igualmente distintos: a língua-sistema não se converte em idioma, pois os fundamentos gerais e universais do sistema linguístico não podem se confundir com a manifestação particular, específica e situada de uma língua-idioma.

Por outro lado, embora as conceptualizações primárias do CLG girem em torno da língua-sistema com diversos exemplos das línguas-idiomas, a relação entre as diferentes línguas ocupa um espaço pouco privilegiado, com considerações sucintas e estabelecidas tão somente em níveis lexicais, que permitem um contraste mais evidente e primeiro entre diferentes línguas. O exemplo clássico consiste no francês *mouton* em contraposição aos termos *sheep* e *mutton* em língua inglesa. Enquanto em inglês *sheep* é o animal carneiro, *mutton* é o prato carneiro, diferentemente do vocábulo francófono *mouton* – assim como do português *carneiro*.

Entretanto, a primeira questão levantada é a fragilidade de utilizarmos substantivos como exemplos, visto que não apenas são mais correspondentes entre línguas como também podem sugerir uma concepção de língua enquanto uma nomenclatura cujos termos têm por função nomear os elementos do mundo. Em segundo lugar, devemos nos ater ao fato de que em tal exemplo, embora o próprio Saussure afirme se tratar de uma situação em que o valor é o critério distintivo entre cada palavra, não há uma correspondência plena: não apenas o valor,

mas o próprio significado pode ser considerado distinto entre os termos, visto que *sheep* não é refeição, assim como não se pastoreiam *muttons*: seriam realmente os mesmos significados? Ademais, essa análise serve mais à definição do conceito de valor do que propriamente à compreensão de como línguas-idiomas se convertem mutuamente uma noutra, isto é, como se traduzem.

A reflexão sobre tradução, dessa forma, embora aparente, não produz uma discussão que estabeleça considerações para o processo semiológico da passagem de uma língua à outra. Assim, há uma impossibilidade de se acessar uma formulação teórica assertiva e desenvolvida sobre o processo tradutório em Saussure. Por exemplo: Saussure consideraria relevante a hipótese de que, entre diferentes línguas, não há equivalência alguma de valores, visto que o valor se estabelece na relação entre os signos e justamente tais unidades não seriam as mesmas entre uma língua e outra? O que se traduz na língua é o signo? Ou seria – evocando a reflexão de Émile Benveniste – o semântico do signo? Ou a possibilidade de tradução estaria no semiótico? A tradução seria um processo em que a língua volta a si mesma, isto é, converte-se novamente em língua? E a sintaxe da língua: como traduzi-la? Tais interrogações permanecem na leitura do CLG, embora haja a possibilidade de formularmos hipóteses e reflexões por meio de desdobramentos e deslocamentos possíveis do pensamento saussuriano.

Procuramos, portanto, evidenciar como o processo tradutório poderia se configurar a partir de uma perspectiva saussuriana da língua e das línguas; para isso, procuramos realocar a noção de valor e sua função em relação ao sistema linguístico. Consideramos que o valor linguístico é a noção central para visualizarmos uma possível tessitura da tradução a partir do pensamento saussuriano. Dessa forma, o valor linguístico torna-se um elemento imprescindível para entender tanto a língua-sistema como as línguas-idiomas. A articulação entre línguas e a passagem de uma língua à outra seria possível, em nossa perspectiva, não pela correspondência entre o signo tomado como uma composição de significante e significado, mas, sim, pela reconstrução das redes associativas que configuram os valores linguísticos.

2 Conceitos, relações e fundamentos

Ferreira Gullar, um atento poeta, percebeu a tarefa necessariamente radical e delirante de um tradutor: é uma questão de vida ou morte e, ainda assim, parece-nos distante e fugidia. Em seu poema “traduzir-se”, Gullar questiona-se sobre a conciliação de suas duas partes: a parte que é todo mundo, a parte que é ninguém; a parte permanente e a que se sabe de repente; a parte que é vertigem, e a que é linguagem. Interessa-nos aquilo que é instigado pela poesia de Ferreira Gullar: como traduzir uma parte noutra? Para responder a essa pergunta, metaforizamos a língua enquanto articulação de diferentes línguas, isto é, como a língua-sistema permite a tradução de uma parte (idioma x) em outra (idioma y)?

Partimos do conceito de língua. Língua, no CLG, corresponde tanto sistema (*langue*) quanto ao uso individual (*parole*); nosso interesse inicial está na língua-sistema (*langue*). A língua, para Saussure, é um sistema de signos; no texto saussuriano, percebemos vários excertos que conceituam e definem a língua, sem haver, contudo, uma definição única e irreduzível. De toda forma, o caráter sistêmico é inexorável à língua no pensamento saussuriano, independentemente de haver uma menção explícita/implícita de *sistema*. Pode-se, portanto, propor que a sistematicidade inevitável na/da língua seja sua principal característica, pois é basilar e fundante: a língua só existe porque é sistema, porque é coletiva e, dessa forma, é (instituição) social compartilhada pelos falantes. O signo, compreendido aqui como unidades basilares da língua, também só é compreendido enquanto unidade relacional, isto é, por oposição: não há essência sígnica, mas, sim, relações sígnicas. Todas as relações sígnicas são realizadas/realizáveis no interior do sistema língua – e a língua, por sua

vez, é um sistema tomado sempre em conjunto com o coletivo humano, isto é, com a sociedade; por isso, o signo é “[...] social por natureza” (SAUSSURE, 2006, p. 25).

Compreendemos, dessa forma, que a língua é “[...] a parte social da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 22), “[...] um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17), “[...] um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 21). Em suma, a língua “[...] constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica” e, portanto, configura-se no “[...] domínio das articulações” (SAUSSURE, 2006, p. 130). Por existir em tal domínio, a língua articula-se enquanto um sistema em que cada unidade opõe-se à outra unidade, formando, portanto, uma cadeia de valores relacionais entre cada signo.

Portanto, a noção de valor jamais abandona qualquer noção de língua. A língua é, sobretudo, um sistema de valores (mais do que um sistema de signos): o valor tanto atravessa quanto contorna a língua. É prudente resguardamos a noção de valor como matriz teórica para se pensar/analisar qualquer língua, pois do (sistema de) valor emana a relação e articulação entre os elementos da língua. É por meio da noção de valor, e apenas por meio da noção de valor, que as unidades da língua podem se articular e diferenciar, formando na perspectiva saussuriana, portanto, a homogeneidade estável e compartilhada do sistema linguístico. Acessar uma língua significa acessar seus valores. Tomamos o valor nesta discussão a partir da noção de um elemento que constitui e atravessa a língua, ao mesmo tempo em que emana do sistema linguístico. O valor é puramente relacional; por isso, valor e sentido – tomado como significação – não se correspondem, visto que o valor é construído (tão somente) nas relações que ocorrem no interior de uma, e apenas uma, língua; os valores são “[...] definidos não positivamente pelo seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, 2005, p. 136). Assim,

[...] a ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra (SAUSSURE, 2005, p. 132).

A imagem de uma rede conceptual, na qual cada ponto exerça força sobre o outro, é adequada para pensarmos a relação entre língua e valor: a interferência em qualquer um desses elementos, na verdade, desdobra-se ao conjunto, isto é, sobre o sistema e, conseqüentemente, sobre todos os seus elementos. Por isso, o valor atravessa e contorna a língua, e somente há valor no sistema que articula as relações em conjunto entre as unidades.

Quero dizer com isso, na verdade, que, em Saussure, não há um isolamento senão metodológico de uma ou outra variável: a teoria saussuriana propõe uma visão integradora, holística, sobre a língua, ainda que seja uma teoria linguística voltada, também, aos elementos de uma língua e às (diferentes) línguas. No entanto, concebemos tal especificidade do pensamento saussuriano como uma *conditio sine qua non*: uma teoria holística sobre a língua necessita, irredutivelmente, ser uma teoria sobre cada elemento isolado da própria língua. Recorramos à metáfora do maestro: o maestro não rege o violino nem o violoncelo nem mesmo a flauta doce: ele rege cada um deles, justamente, por conduzir toda a orquestra como conjunto e como elemento constituinte desse conjunto. Dessa forma, há uma relação de homologia – ou seja, “[...] que estabelece uma correlação entre as partes de dois sistemas semióticos” (BENVENISTE, 2006, p. 62) – entre uma língua e uma sinfonia, pois são no

conjunto e na relação (e não na divisão e na fragmentação) que se instauram os elementos primários e axiomáticos para o funcionamento da língua em uso pelo falante. Sobre a unicidade do pensamento saussuriano, um pensamento de conjunto, faz-se pertinente a consideração elaborada por Braida, Prochnow e Bortolini (2013, p. 139): “[...] as instituições língua, fala, linguagem, signo, significante, significado, sincronia, diacronia, relações sintagmáticas e relações paradigmáticas têm seus limites desenhados sob o escopo da teoria do valor”. O valor delinea e atravessa a língua.

Consideramos, portanto, que: a) o pensamento saussuriano pressupõe uma série de conceitos inter-relacionados; b) todos os conceitos articulam-se dentro do próprio sistema linguístico, isto é, a língua define e organiza a si mesma; c) as noções de língua, valor e sistema são irreduzíveis e contemporâneas; d) há uma orquestração coesa entre os diferentes termos do pensamento saussuriano; e) a língua não é espelho da sociedade, embora seja social, e escapa às vontades individuais, ainda que seja compartilhada por todos os indivíduos; f) tanto a delimitação quanto a definição dos elementos da língua ocorre invariavelmente por meio de um sistema articulatório entre esses elementos; g) não há relações externas causais que definam a língua; h) a língua opera por meio de fundamentos e princípios; i) a materialização particular das diferentes línguas está contida no sistema linguístico e por ele é explicada; e j) a noção de valor permite, e somente a noção de valor permite, que a língua saussuriana seja um sistema de signos que se relacionam e se articulam.

Barbisan e Flores são elucidativos ao discorrer sobre a arquitetura do pensamento saussuriano:

[...] podemos considerar que Saussure explicita relações que facilmente seriam aprovadas aos olhos dos dialéticos. Vejamos: para a dicotomia significante/significado, há o signo; para relações sintagmáticas/relações associativas, há o sistema; para diacronia/sincronia, há a pancronia; para língua/fala, há a linguagem. Tudo orquestrado por um grande terceiro, o valor: o conceito que sustenta a arquitetura teórica de Saussure. Ligado ao conceito de valor está o de pura diferença, uma diferença que não supõe substancialização. A ideia de pura diferença, que leva Saussure a falar em pura negação, o princípio da arbitrariedade do signo e a teoria do valor são, em linhas gerais, os pilares de uma teoria que supõe a dessubstancialização da língua e a recusa de uma explicação causal que preexistia à própria língua (2009, p. 8-9).

E é no/pelo valor, isto é, na/pela pura diferença, que a língua se articula: um sistema de valores em uso no seio de uma sociedade (compreendida aqui como a relação de um *eu* com algo que lhe é externo situada no tempo/espaço). A língua como sistema – haveria outra possibilidade? – não pode existir fora de um eixo social, porque a língua não é anterior ao homem e à sua ação no mundo – conceber a língua como um sistema *a priori* seria, na verdade, coadunar com uma percepção logicista e metafísica que, ao linguista, nada pode revelar. O sintoma da língua enquanto sistema são as línguas-idiomas situadas em uma sociedade; o uso contínuo e sistemático dessas línguas-idiomas permite que haja uma rede associativa de valores na língua. Saussure afirma que “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja” (2005, p. 132).

Contudo, a linguagem em seu amplo escopo semântico também é pertencente ao eixo social. A linguagem não é a língua, e o próprio Saussure afirma que a língua possui um espaço único e diferenciado nos fatos da linguagem. Qual seria, então, o elemento distintivo? A língua é um sistema de signos que se articulam e se definem pelas relações de valor. Ou seja, a língua é a) um sistema, b) um sistema com unidades semióticas definidas e finitas (os signos), c) um sistema articulatório e d) um sistema que se define pelo valor.

A esse respeito, as metáforas saussurianas baseadas no jogo de xadrez são eficazes e consistem em analogias amplas. Começamos com a ideia de que a língua é forma, e não substância. Não há diferença alguma, por exemplo, entre a peça cavalo feita de bronze, vidro, latão, prata ou papel reciclado: sua substância não ocupa uma posição distintiva – portanto, semiológica. A peça *cavalo* (só) existe no jogo de xadrez – isto é, no “sistema xadrez” – porque se distingue das demais peças, o que nos leva a, pelo menos, dez constatações: a) assim como o signo linguístico, cada peça tem *um valor* no jogo/sistema xadrez; b) cada peça é definida apenas no conjunto de relações que estabelece com as demais peças no jogo/sistema xadrez; c) a forma distintiva de uma peça em relação às demais compreende sua existência e sua função (a peça *cavalo* difere da peça *rainha*, ainda que a peça *cavalo* materializada em vidro não apresente qualquer diferença semiológica em relação à peça cavalo fabricada em bronze); d) não há redundância das peças no jogo de xadrez (*cavalo* e *rainha*, por exemplo, não se equivalem nem se substituem); e) o jogo/sistema xadrez é estável porque é acessível a todos os jogadores, assim como a língua é social porque é compreendida por todos os seus falantes; f) o (i)úmero de associações e combinações, tanto quanto a ordem das sequências realizadas em um jogo de xadrez, é infinito e imprevisível, assim como em qualquer língua; g) as peças do jogo de xadrez, assim como os signos linguísticos, são de natureza arbitrária, porque não resgatam um significado oculto/místico/lógico/essencial, mas, sim, se relacionam no interior de um sistema e estabelecem, dessa forma, *um valor*; h) não há dissociação possível entre a forma e o sentido (contrapartes) de uma peça no jogo, ou seja, assim como uma folha de papel, o signo é composto de uma dupla face (significante/significado); i) o caráter psíquico do jogo de xadrez, suas abstrações, materializa-se fisicamente no tempo/espço, assim como a língua, entidade psíquica (apenas) realizada no mundo sensível; e j) tanto o jogo de xadrez quanto a língua são fenômenos sensíveis à percepção humana: posso observá-los sincrônica ou diacronicamente, posso interpretá-los, posso recombina-los dentro de seus sistemas e, sobretudo, exerço minha influência de jogador/falante à medida que sou influenciado pelo sistema jogo/língua.

A língua – tal qual o xadrez – é, assim, um sistema em que os termos são solidários e em que o valor de um signo resulta apenas da presença simultânea e relacional de outros signos. O valor mobiliza a língua e(m) todo o seu sistema. Dessa forma, o falante e a língua formam uma organicidade, um axioma relacional básico e irreduzível: não há como (pres)upor quem foi o primeiro falante nem quando a língua foi criada. Falante e língua não existem separadamente, pois são fundantes de natureza antropológica do homem que conhecemos no mundo, isto é, “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285).

Mesmo se admitindo uma leitura dicotômica de Saussure, percebem-se relações internas entre os elementos que compõem a teoria. Isso ocorre porque o valor integra e articula todas as unidades presentes na língua-sistema. Quando tomamos, por exemplo, as formulações *langue/parole* ou *arbitrário/motivado*, podemos também pensar o papel da noção de valor no interior dessas dicotomias. Como o valor da *langue* opera na *parole*? O valor de um signo arbitrário é igualmente arbitrário? Consequentemente, adentramos o universo do valor da/na língua. Basílio (2010, p. 5) afirma que “a arbitrariedade permite que uma mesma significação possa estar revestida de diferentes valores. Sendo assim, Saussure entende que os valores são relativos uns aos outros no sistema linguístico”. Dessa forma, o elemento isolado é realocado no conjunto do pensamento de Saussure, que é sistêmico e interligado, ao invés de consistir em uma sobreposição de elementos dissociados que se sucedem.

Fenômenos linguísticos como sinonímia, antonímia e paráfrase, por exemplo, ocorrem justamente porque há uma relação no sistema linguístico, isto é, há uma relação entre as unidades que compõem esse sistema. Dessa forma, pode-se dizer que tais fenômenos estão,

invariavelmente, atuando por meio dos valores de uma língua. E – eterno paradoxo – o valor de uma língua torna impossível uma existência unívoca e linear de tais fenômenos: há a sinonímia porque há valor, mas, ao mesmo tempo, o valor impede que haja uma sinonímia perfeita, uma relação de equivalência integral e invariável entre termos sinônimos; também, observamos que o mesmo valor que permite que haja paráfrase impossibilita dizer “a mesma coisa” com outras palavras, pois é justamente a articulação entre os signos que permite a aproximação tanto quanto o distanciamento. Mobilizar um signo, portanto, implica uma articulação inteira da língua-sistema. Saussure (2006, p. 134) afirma que

[...] mesmo fora da língua, todos os valores parecem estar regidos por esse princípio paradoxal. Eles são sempre constituídos: 1.º por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar; 2.º por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa. Esses dois fatores são necessários para a existência de um valor. Destarte, para determinar o que vale a moeda de cinco francos, cumpra saber: 1º que se pode trocá-la por uma quantidade determinada de uma coisa diferente, por exemplo, pão; 2º que se pode compará-la com um valor semelhante do mesmo sistema, por exemplo uma moeda de um franco, ou uma moeda de algum outro sistema (um dólar etc). Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra. Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser “trocada” por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente (grifos do autor).

Assim, cada palavra é, inevitavelmente, única, pois não pode assumir o valor de outra, da mesma forma que outra não pode lhe roubar seu valor. No entanto, se cada língua é diferente e peculiar como a noção de valor opera na tarefa de traduzir? Se partirmos do pressuposto de que o semiótico do signo não pode ser traduzido, seria o semântico responsável pela possibilidade de tradução? Ou estaria na noção de valor o eixo articulatório entre diferentes línguas-idiomas? Convém ressaltar que, na discussão sobre semiótico e semântico, tomamos como ponto de partida a reflexão de Émile Benveniste, sobretudo o artigo *A forma e o sentido na linguagem*, integrante da obra *Problemas de Linguística Geral II*. De acordo com Benveniste, há dois modos de ser língua: o semiótico e o semântico – ou seja, a articulação entre forma e sentido (forma de língua e sentido de língua). O semiótico está no universo do signo e, portanto, tem a propriedade de significar por meio de sua oposição aos demais signos no interior de um sistema semiológico (a língua); o semântico, por sua vez, situa-se na língua posta em discurso, atualizada pelo uso do falante e sempre única em sua enunciação particular e histórica. Em outras palavras, tomamos o semiótico como o legível da língua, a forma que se reconhece como legítima da língua; o semântico seria o discurso-evento irrepitível, que é produzido uma vez, e tão somente uma vez, pelo falante como atualização e possibilidade da comunicação intersubjetiva. Benveniste (2006, p. 230) afirma que

[...] a semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é senão particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor.

3 Noção de valor e tradução: um encontro à terceira margem do rio?

Como devem ser efetuadas as correspondências entre as unidades linguísticas (signos) na tradução? Essa interrogação conduz nossa reflexão, visto que é no hiato entre um signo e outro signo que reside o limiar vertiginoso entre sistemas de mesma natureza (a língua no plano dos fundamentos) e materializações intransponíveis (a língua enquanto idioma): ao tradutor, destina-se a tarefa de preencher tais lacunas – muito possivelmente impreenchíveis. Traduzir, isto é, *traducere* (*trans* + *ducere* = *mais* + *conduzir*), significa justamente “converter, mudar”. Mas a língua-idioma configura-se justamente por ser um sistema distinto das outras línguas-idiomas: a particularidade de cada língua inviabiliza uma conversão completa duma língua noutra. Se no interior de uma mesma língua não existe um sinônimo perfeito (pois o valor é opositivo e, portanto, sempre diferente), na transposição de duas línguas poderia haver uma correspondência de valores?

Voltamos ao exemplo de Ferdinand de Saussure:

[...] o português *carneiro* ou o francês *mouton* podem ter a mesma significação que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor, isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz *mouton* e não *sheep*. A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou *carneiro* se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa (2006, p. 134, grifos do autor).

A forma pela qual os termos de uma língua se configuram e se encadeiam no interior da própria língua não encontra correspondência plena na tradução. A sintaxe de uma língua, por exemplo, pode concentrar um peso semântico maior ou menor no verbo, por exemplo, quando comparada à sintaxe de outra língua. Da mesma forma, os elementos nomeados por uma ou outra cultura nem sempre existirão sob os mesmos princípios. Um exemplo elucidativo são as plantas e os frutos locais, que simplesmente são desconhecidos para outra cultura. No Brasil, a popular pimenta-de-cheiro oferece resistência à tradução, por exemplo; da mesma forma, os diferentes vocábulos para *neve* em línguas esquimós são um hiato intransponível para a língua portuguesa; em inuíte, por exemplo, *qanniq* está ligado ao verbo, enquanto *aput*, ao substantivo. Fenômeno similar ocorre com o escocês – de acordo com o *Historical Thesaurus of Scots*, desenvolvido na Universidade de Glasgow –, idioma que apresenta diferentes vocábulos para *neve*: *skalva*, por exemplo, referir-se-ia a um tipo específico de neve, mais escamoso, em contraposição aos canônicos flocos de neve agrupados que permeiam o imaginário brasileiro. Tais redes associativas não se transpõem de uma língua à outra; os valores linguísticos construídos no interior de um idioma necessitam ser reconstruídos (isto é, construídos de novo e de outra forma) quando em outro idioma.

A tradução, por isso, não recorre à lógica, visto que os conceitos e as ideias não antecedem a palavra. Saussure afirma que “se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim” (SAUSSURE, 2006, p. 135). Se houvesse qualquer conceito de antemão, tal fenômeno seria metafísico, jamais linguístico: a língua não pode ser concebida como prévia abstração de si mesma, pois não é uma *causa sui*. Presenciamos, portanto, a ausência de um elemento semiótico em determinada língua capaz de produzir uma semântica, isto é, a ausência de uma forma para um sentido: não há signo linguístico pois não se estabelecem relações de valor. É justamente por não ter valores distintos e pormenorizados no interior do sistema língua que, em português, os vocábulos *neve* e *nevar* estão fortemente vinculados na língua em uso.

Estamos, contudo, circunscritos aos cotidianos problemas da tradução: é sempre mais acessível problematizarmos categorias lexicais mais plenas e estáveis, como, a título de exemplo, substantivos, adjetivos e verbos – em contraposição, poderíamos citar as

preposições. Ainda assim, mesmo no caso dos signos aparentemente mais estáveis e preenchidos, não há senão a noção de valor. Saussure ao analisar o termo *judgar*, afirma que “[...] esse conceito nada tem de inicial, não é senão um valor determinado por suas relações com outros valores semelhantes, e sem eles a significação não existiria” (SAUSSURE, 2006, p. 136).

Da mesma forma, por exemplo, temos a tradução de *concurso público* pela expressão inglesa *civil exam* ou *public tender*, quando, na verdade, nem *civil exam* nem *public tender* possuem o valor de “concorrido, concorrência” que há na expressão *concurso público*. Os termos *grafite* e *pichação*, em português, suscitam diferentes conceitos sobre intervenções no espaço público, e, em inglês, utilizamos o termo *graffiti* tanto para um quanto para outro, ao passo que *graphite* é o signo cuja significação remete ao elemento mineral denominado *grafite*. *Grafite*, pode-se dizer, é um termo cujo valor mobiliza a cultura artística urbana, diferentemente do termo *pichação*, cujo valor está relacionado a uma apropriação indevida e ilícita do espaço público. Parafraseando o exemplo saussuriano, poderíamos citar os termos *pig* e *pork* que, em língua portuguesa, são ambos traduzíveis por *porco*. As associações entre as redes de valores são, portanto, um elemento basilar e axiomático para o processo tradutório.

Apesar das questões relacionadas à crítica genética e à polêmica da(s) autoria(s), é oportuno notar que, nos *Escritos de Linguística Geral*, podemos encontrar uma definição de *valor* consistente com aquela que nos é apresentada no *Curso de Linguística Geral*:

[...] uma forma não significa, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*. Ora, no momento em que se fala de *valores* em geral, em vez de se falar, ao acaso, do *valor* de uma forma (que depende absolutamente dos valores gerais), percebe-se que é a mesma coisa colocar-se no mundo dos signos ou das significações, que não há o menor limite definível entre o que as formas *valem* em virtude de sua diferença recíproca e material, e aquilo que elas *valem* em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças. É uma disputa de palavras (SAUSSURE, 2006, p. 30, grifos do autor).

Reitera-se, assim, às margens da língua, o fluxo contínuo e irrefreável do valor. O valor não contém, mas transborda: não há valor senão na relação, isto é, naquilo que está além do limiar do signo isolado. A cadeia de relações que configura o valor de um signo é aquilo que de essencial o define: mais do que a contraposição de um significante e um significado arbitrários, o signo é aquilo que vale na língua.

Traduzir um texto, dessa forma, seja qual for seu estatuto, requer uma recriação das relações entre os signos no interior e através da língua- sistema, ou seja, transcende a busca por uma equivalência terminológica: é necessário reconfigurar as articulações, as combinações e, mesmo, as ausências dos signos e de seus valores no sistema linguístico. A tessitura das articulações possíveis na/da língua é o elemento central e fundante de uma concepção de tradução como um processo de reconstrução de valores no interior de determinada língua.

Emerge à terceira margem do rio chamado signo – nem significante, nem significado, mas valor –, uma dialética para o impossível: como mobilizar valores que se correspondam em sistemas distintos? Se as relações entre os signos, e os próprios signos, diferem de uma língua para outra, haveria alguma forma de acessar um valor comum? Tal atividade parece-nos impossível; por outro lado, tomada a impossibilidade de traduzir, é justamente esse processo de incompletudes e vazios que permite a atividade da tradução. Reconstruir tais lacunas, preencher os espaços, recompor os vazios e as indeterminações: essa é a tarefa do tradutor. O tradutor põe-se a navegar em águas de um rio interminável e, assim como propôs Heráclito de Éfeso, sempre inédito.

4 Considerações finais

Compreendemos que as noções de língua, sistema e valor são fundantes da possibilidade de tradução; as relações estabelecidas na língua, isto é, suas articulações, configuram-se como uma amálgama que constitui o valor linguístico. Mais do que significante e significado, compreendidos aqui como forma e sentido ou semiótico e semântico, o valor é o elemento que conduzirá as relações entre as diferentes línguas-idiomas. Para que se efetuem tais relações, é necessário compreender que cada elemento da língua é também a língua inteira, pois na língua a unidade implica a totalidade. A escolha por um termo da língua, portanto, significa sua relação com todos os outros termos preteridos.

Assim, propomos uma releitura da noção de valor em Saussure, a fim de que se possa desdobrá-la e realocá-la como a base de toda a tradução. Isso implica uma mudança de ponto de vista para a tradução: nem a palavra, nem o sentido (tomado como uma definição lexicológica) podem ser o ponto de partida. Buscar correspondências entre termos ignorando a tessitura de seus valores seria, sob nosso ponto de vista, o equívoco da tradução. Embora o valor saussuriano seja majoritariamente exemplificado por meio de substantivos, como o caso de *sheep/mutton*, é necessário considerar toda a língua e cada um de seus termos na rede conceitual que estabelece o valor do signo. Constatamos assim que, mesmo signos que apresentem uma correspondência maior e mais evidente, como o caso de *banana* – tanto em língua inglesa quanto em língua portuguesa –, podem suscitar diferentes valores no interior da língua, pois estabelecem relações próprias em cada língua na cadeia de signos. Assim, não há uma equivalência plena (sequer parcial) de termos e de sentidos; há uma atualização no sistema de valores que integra, delinea e atravessa a língua inteira.

A grande questão a ser resolvida, sob esse ponto de vista, seria a construção das redes de valores estabelecida no interior de cada língua; o objeto de interesse e investigação, portanto, não seria a unidade linguística tomada por si de forma autônoma e isolada, mas justamente o contrário: as relações e articulações que, numa determinada língua, o signo estabelece. É preciso, portanto, compreender a língua não apenas como um sistema de signos, mas, sim, como um sistema de signos que se articulam e estabelecem diferentes valores no interior do próprio sistema. O valor do signo, e não o signo, é o responsável pela possibilidade da tradução. Dessa forma, os diferentes processos tradutórios não estariam em torno daquilo que se observa (a forma) nem daquilo que se compreende (o sentido), mas, sim, daquilo que estabelece os valores da língua. A tarefa central da tradução, então, seria recriar as noções e as correspondências de valor na transposição de uma língua à outra.

Convém concluir, sobretudo, que, nas veredas longínquas da tradução, é preciso percorrer um caminho, e o processo, ou seja, o próprio caminho, é aquilo que há de mais basilar e complexo. Faz-se necessário saber pisar nas movediças areias das palavras, que são dinâmicas e inquietas. Traduzir é reconstruir e, dessa forma, pular no abismo: não há garantia nem há volta. Não *destraduzimos* algo: “neste lugar não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades” (COUTO, 1996, p. 12).

No eterno/infinito rio que se propõe a atravessar, o tradutor, sustentamos, deve ater-se às impossibilidades da tradução. A direção, portanto, não seria aquilo que as línguas têm de semelhante, mas, sim, de dessemelhantes: os contrastes e as ausências são o alvo para o qual a tradução necessita se direcionar. O valor linguístico, portanto, configura-se como a única possibilidade de acessar a língua; assim como a bússola, o valor aponta para o norte e, assim, conduz o tradutor, ou seja, conduz a tradução. Traduzir, dessa forma, é a tarefa de reinaugurar os valores de uma língua noutra. E reinaugurar valores, por sua vez, implica mobilizar a língua inteira, pois o valor linguístico só existe na complexidade dinâmica do sistema.

Mas, sobretudo, não deve causar espanto nem desconforto ao tradutor essa cotidiana tarefa de reinventar o sistema linguístico; pelo contrário: traduzir é uma tarefa que exige afeto e diligência. Traduzir é opor-se ao dicionário, gaveta na qual as palavras são soterradas. Traduzir é germinar um valor, e não dissecá-lo. É preciso resgatar e, portanto, guardar o valor das palavras: “guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa à vista. Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado” (CÍCERO, 1997, p. 7). O tradutor precisa encontrar(-se) com o valor das línguas: eis sua tarefa.

A fluidez da língua não pode ser suprimida: é impossível (de)limitar o valor como realidade abstrata imutável, assim como a tradução. Não há, em tais águas, começo ou fim possível: a língua é universal, justamente porque não começou nem terminou. Nos universos impossíveis da tradução, encontram-se, à terceira margem do rio, as palavras e o tradutor: e ambos só existem enquanto conjunto, irredutivelmente. O tradutor existe para a língua e somente para ela; a língua, por sua vez, existe para todos aqueles que navegam. Dessa forma, a tradução é tanto um problema particular das línguas, quanto um problema de linguística geral. Enquanto idiomas, há um *continuum* que atravessa as fronteiras de uma determinada língua – que é a possibilidade de toda tradução. Sob a ótica de um sistema de signos articulado em discurso, a tradução deve ser tomada como um problema de linguística geral, pois são as bases fundacionais da língua que estão em jogo: é em uma operação semiológica de natureza geral que se sustentam as articulações entre as diversas línguas e suas especificidades.

Essa paisagem, contudo, é um devir: jamais haverá uma lógica que preencha a língua e possibilite uma plenitude para a tradução. Essa paisagem, sobretudo, sempre inquietará seu observador: não há, nela, uma essência reconhecível. É necessário, pois, sucumbirmos:

“Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir” (COUTO, 1996, p. 14). E ao tradutor que navegar pelas águas da língua, é necessário observar “[...] a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio” (ROSA, 2001, p. 50).

REFERÊNCIAS

BARBISAN, L. B.; FLORES, V. do N. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAND, C. **Convite à linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 7-19.

BASÍLIO, R. Saussure: uma filosofia da linguística? **ReVEL**, Porto Alegre, v. 8, n. 14, p. 1-13, 2010.

BENVENISTE, É. **Baudelaire**. Limoges: Lambert-Lucas, 2011. 770 p.

_____. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Pontes Editores, 2005.

_____. **Problemas de linguística geral II**. São Paulo: Pontes Editores, 2006.

BRAIDA, F. C.; PROCHNOW, A. L. C.; BORTOLINI, A. S. B. Leituras da noção saussuriana de valor: abordagem de dois pontos de vista. **Nonada**, Porto Alegre, n. 20, p. 139-151, 2013.

CÍCERO, A. **Guardar**: poemas escolhidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 103 p.

COUTO, M. **Estórias abensonhadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 160 p.

HISTORICAL THESAURUS OF SCOTS. **Snow**. Disponível em: <<http://scotsthesaurus.org/thesaurus-search/?submit=Y&qsearch=snow>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

GULLAR, F. **Na vertigem do dia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

ROSA, J. G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 236 p.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006. 279 p.

_____. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2002. 296 p.

Submetido em 20/07/2016

Aceito em 10/10/2016